

## MUDANÇA ESTRUTURAL E COMPETITIVIDADE DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS: UMA VISÃO DE LONGO PRAZO

Marcelo José Braga Nonnenberg

Técnico de planejamento e pesquisa na Diretoria de Estudos e Políticas Macroeconômicas (Dimac) do Ipea.

Uma das questões mais enfatizadas sobre a evolução do comércio exterior brasileiro nas últimas décadas tem sido a assim chamada reprimarização de nossas exportações, indicando a volta da predominância de exportações primárias, de baixo valor agregado, após um forte crescimento das exportações de manufaturados, sobretudo na década de 1970.

Esse processo precisa ser analisado numa perspectiva relativamente longa, analisando-se a participação de produtos por valor agregado na pauta de exportações brasileiras. O objetivo deste trabalho é analisar a evolução das exportações brasileiras entre 1962 e 2016 com base em setores de atividade e verificar com que intensidade esse fenômeno ocorreu e até que ponto representa uma perda de competitividade das nossas exportações de manufaturados.

Com base em dados da base World Integrated Trade Solutions (Wits)/United Nations Commodity Trade Statistics Database (UN Comtrade), foram construídas séries de dados para o Brasil para o período 1962-2016 para o total das exportações e para seis setores: agrícola; extrativa mineral e petróleo; alimentos, bebidas e tabaco; matérias-primas animais e vegetais; máquinas, material elétrico e eletrônico e material de transporte; e demais manufaturados. Os dados mostram que, nos últimos vinte anos, enquanto a participação no comércio mundial dos produtos de menor valor agregado se elevou consideravelmente, a dos setores de maior valor agregado permaneceu relativamente constante. Ou seja, aumentamos a participação num grupo de produtos e permanecemos no mesmo lugar nos outros. Mas não perdemos participação em nenhum grupo de forma relevante.

Em seguida, utilizou-se a metodologia de *constant market share* para possibilitar uma análise mais precisa desse fenômeno. Essa metodologia permite decompor

*ex post* o crescimento das exportações, identificando a contribuição de diferentes fatores, como a composição da pauta, em termos de produtos e destinos, e os ganhos relativos de competitividade *vis-à-vis* os demais concorrentes nos mercados internacionais.

A principal conclusão é que houve um grande aumento de competitividade nos períodos iniciais, com forte presença de subsídios e incentivos governamentais à indústria e ao período de abertura comercial, e principalmente nos setores de maior valor agregado. E os dois setores de maior valor agregado, de máquinas e demais, apresentaram perda de competitividade no período final. Portanto, as variações de competitividade parecem estar fortemente correlacionadas às mudanças na estrutura e nas políticas econômicas nacionais, que forneceram os resultados esperados.

## SUMÁRIO EXECUTIVO

1. Agradeço pelo apoio inestimável ao trabalho de pesquisa, elaboração de dados e programação realizado por Mayra Pyszott Rodrigues dos Santos e Helena Nobre de Oliveira.